

Fiéis, críticos e arrependidos: o bolsonarismo na crise

[N nexojournal.com.br/expresso/2020/06/09/Fiéis-críticos-e-arrependidos-o-bolsonarismo-na-crise](https://nexojournal.com.br/expresso/2020/06/09/Fiéis-críticos-e-arrependidos-o-bolsonarismo-na-crise)

Estêvão Bertoni

Foto: Ueslei Marcelino/Reuters



Bolsonaro acena para manifestantes durante ato em Brasília

Desde as eleições de 2018, pesquisas buscam mapear as motivações dos apoiadores de Jair Bolsonaro, um capitão reformado do Exército rebelde e deputado federal sem muita influência que acabou chegando ao cargo político mais importante do Brasil em meio a uma onda de extrema direita.

Bolsonaro virou presidente e faz um governo de conflito, de disputas internas a embates com outros Poderes da República. Enfrenta ainda em 2020 a pandemia do novo coronavírus batendo de frente com a comunidade científica.

Uma pesquisa qualitativa realizada entre 9 e 18 de maio de 2020 pela Fundação Friedrich Ebert mostra como anda o humor do eleitor bolsonarista diante da crise atual, que envolve aspectos sanitários, econômicos e políticos. Foram entrevistadas 27 pessoas com renda familiar que varia de R\$ 600 a R\$ 5.000 mensais.

Elas pertencem à faixa C de rendimentos que, em 2018, correspondia a 55,3% da população, ou 115,3 milhões de brasileiros, segundo o centro de políticas sociais da FGV (Fundação Getulio Vargas).

A partir das entrevistas, as pesquisadoras Esther Solano, da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), e Camila Rocha, do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), chegaram a três perfis principais:

- os eleitores que se **mantêm fiéis** a Bolsonaro e continuam defendendo o governo federal em meio à crise
- os **apoiadores críticos**, que fazem ressalvas a Bolsonaro, mas mantêm o presidente como opção eleitoral
- os **arrependidos**, que desejam que Bolsonaro abandone o cargo, seja por renúncia ou por impeachment

O **Nexo** conversou Camila Rocha, uma das realizadoras da pesquisa, para entender a relação dos apoiadores de Bolsonaro com o presidente, passado um ano e cinco meses de mandato.

Como a divisão dos apoiadores do presidente em três perfis ajuda a entender o pensamento bolsonarista?

Camila Rocha Dividimos os eleitores depois que os resultados estavam consolidados. Criamos um filtro de pesquisa, cuja pergunta inicial era se o Bolsonaro deveria sair do poder. O que acontecia é que às vezes a pessoa dizia que Bolsonaro tinha que deixar o cargo, mas ela poderia ser enquadrada como arrependida ou apoiadora crítica, a depender dos outros questionamentos. Bolsonarista fiel quer que ele prossiga. A questão maior são os bolsonaristas críticos e arrependidos. Para classificar alguém como arrependido, ele precisa dizer isso na entrevista. “Estou arrependido de ter eleito Bolsonaro”.

Qual a percepção dos três grupos em relação à pandemia e à maneira como Bolsonaro tem lidado com o tema?

Camila Rocha A imagem é bem negativa, mesmo entre os fiéis, aqueles que estão com o presidente em tudo. Todos concordavam com a opinião de que a gripe é séria, causa mortes, ao contrário do que o Bolsonaro já disse, ao chamar de gripezinha. Havia um clima de desespero e medo. A pandemia causou um desgaste importante no bolsonarismo. É claro que entre os fiéis há uma tentativa de contemporizar, dizendo que Bolsonaro é bronco, que é o jeito dele. Mas ninguém aprova.

O que pesa mais para os bolsonaristas: a crise política ou a crise da pandemia?

Camila Rocha A postura do Bolsonaro frente a pandemia gera um desgaste maior, mas a crise política também está causando um desgaste significativo. Nós fizemos entrevistas até o dia 18 de maio, então algumas coisas, como as negociações com o centrão, ainda não estavam consumadas para os entrevistados, ainda que o tema provoque respostas negativas. Muitos disseram que era “tiro no pé”, “traição”. As investigações contra Flavio Bolsonaro [senador e primogênito do presidente] na rachadinha e a possibilidade de Bolsonaro ter impedido [investigações da Polícia Federal contra a família] foi algo que apareceu com força contra o presidente.

E qual a avaliação dos grupos em relação ao embate entre isolamento social versus atividade econômica?

Camila Rocha Algo que apareceu com bastante força foi essa capacidade do governo federal de montar uma narrativa de que existiria um impasse entre preservar a vida ou a economia. As pessoas têm dificuldade em sair dessa equação. Há uma opinião positiva em relação ao benefício de R\$ 600 pago pelo governo [o auxílio emergencial], elogiam o SUS [Sistema Único de Saúde], são favoráveis à atuação dos estados nas medidas restritivas, mas não existe qualquer pensamento além dessas propostas.

Ninguém fala em taxar grandes fortunas, em apoio do BNDES para o microempresário, apoio dos municípios para não cobrar conta de água e luz, por exemplo. Nenhuma medida, mesmo as utilizadas em outros países, aparecem na visão dos entrevistados, e isso foi uma ação do governo federal ao enquadrar o horizonte de possibilidades. As pessoas estão morrendo de medo da pandemia, mas não sabem o que fazer. Aí elas endossam o discurso do isolamento vertical, com a proteção apenas de quem está no grupo de risco. Essa solução, que não é solução, é só um arranjo desse impasse criado pelo presidente.

Como os filhos do presidente aparecem na pesquisa? As suspeitas contra eles influenciam a imagem do pai?

Camila Rocha A imagem dos filhos, nesse segmento que entrevistamos, é muito ruim, inclusive para os bolsonaristas fiéis. É quase unânime a visão de que eles atrapalham e que causam instabilidade no governo. Os entrevistados dizem que Bolsonaro precisa se afastar dos filhos para governar. Agora, essa imagem negativa dos filhos praticamente não respinga no presidente. A imagem dele permanece intacta. Os entrevistados acham os filhos ruins, mas o pai é bom, e ele não tem culpa da atuação dos filhos.

Muitos disseram que se ficar provado que o Bolsonaro tentou intervir no sentido de bloquear investigações que afetam os filhos, isso seria um problema sério, inclusive entre os bolsonaristas fiéis. Esse é um dado. Essas investigações, a depender do rumo que elas tomarem, podem provocar um abalo sério no governo.

Os mais críticos acreditam que o Bolsonaro está mais preocupado em resolver os problemas dos filhos do que governar o país. Pediram uma atuação mais republicana e menos paternal.

Como os eleitores do Bolsonaro enxergam a saída de Sergio Moro do governo? Ele é uma opção nas eleições de 2022 entre os perfis entrevistados?

Camila Rocha A saída de Moro não causou um desgaste importante no segmento da classe trabalhadora, na faixa C de rendimentos. A justificativa que as pessoas mais usavam era de que o Moro fez coisas importantes para o Brasil, liderou a Lava Jato, mas que viam na saída dele algo de “oportunista”, como se ele já estivesse preparando uma

carreira política. Entre os bolsonaristas fiéis, há um clima de traição. Mas dá para perceber que Moro era visto como um auxiliar, e que outra pessoa pode ocupar aquele cargo. E o nome dele aparece pouco em relação às próximas eleições, especialmente contra o Bolsonaro. A figura dele ainda não mobiliza as pessoas.

Entre os arrependidos, a defesa da saída de Bolsonaro é aberta?

Camila Rocha Sim, eles defendem renúncia ou impeachment. Principalmente por causa da postura frente à pandemia.

O que pesa mais para que alguém se torne um arrependido?

Camila Rocha A postura frente à pandemia é muito forte. Mas os problemas envolvendo os filhos e a própria postura do presidente, a falta de decoro, a agressividade, violência verbal, foram desgastando-o para esses entrevistados. Tenho seguido esse perfil e isso é notório. Quando chegou a pandemia, segundo os entrevistados, é como se tivesse atingido um ponto de não-retorno. Esses arrependidos já mostravam uma fadiga dessa realidade que compõe o bolsonarismo. Muitos disseram que esse deboche com a pandemia demonstra uma falta de caráter do presidente.

Essa radicalidade do Bolsonaro já era algo da campanha, não é um fato novo. Além da pandemia, o que mais gera essa recusa?

Camila Rocha Existem dois perfis de pessoas: uns vão dizer que essa radicalidade era boa na campanha porque havia um adversário, mas que passada a eleição, Bolsonaro deveria ter uma postura mais séria, com mais decoro. Há uma quebra de expectativa.

Um outro perfil é de alguém que já não gostava da postura radical do Bolsonaro, mas tolerava isso por vários motivos: lutar contra os corruptos, tirar o PT, seja lá o que for. Então, no pensamento desse perfil, o Bolsonaro, apesar da violência verbal, era um sujeito que ia mudar as coisas. Depois de quase dois anos, a pessoa que não tolerava esse perfil passa a não gostar mesmo. Esse sentimento foi intensificado pela atuação dele na pandemia.

O que é mais forte nesses eleitores: o bolsonarismo ou o antipetismo?

Camila Rocha O antipetismo continua bastante forte entre os arrependidos. Mas já é possível detectar algumas pessoas que podem votar no PT no futuro, ainda que essa análise seja superficial. Agora, é importante destacar uma narrativa que aparece sempre: a de que o PT precisa resgatar suas raízes, nos anos 1980. Muitas pessoas se apegam nesse sentimento. Existe uma espécie de tristeza de que o partido era combativo, que lutava pelos trabalhadores e que era uma sigla contra o sistema, mas que acabou se corrompendo.

O bolsonarismo está em crise?

Camila Rocha Não dá para dizer que está em crise, com apostas em outras lideranças, por exemplo. Está passando por uma fase de desgaste acentuado. Nós falamos no relatório [da pesquisa] que, para além dos apoiadores fiéis, os bolsonaristas críticos têm a ideia de frustração, mas se as eleições fossem hoje ou em 2022, o voto seria no Bolsonaro. O que muda é que se em 2018 o voto foi de esperança, dessa vez seria um voto por ausência de alternativa.